

PARA O ESTUDO DA VIDA E DA OBRA DE EUCLYDES CEZAR

José Rogério Fontenele Bessa

1 — UM POUCO DE MEMÓRIA SENTIMENTAL

Que é do meu amigo? Onde estará? Em que jornal, livro ou revista dele se poderá encontrar alguma notícia? Os amigos, os admiradores, os leitores, os seguidores fiéis, os que com ele aprenderam o francês e o inglês, os que o aplaudiram em praça pública, onde estarão todos? Guardam lembranças dele a Bahia, o Pará, onde foi telegrafista, e outras terras em que andou e fixou residência? E Areia, na Paraíba, seu berço natal, dele se lembrará? Saberá que 1987 é o ano do centenário de nascimento de seu ilustre filho?

Com ele convivi nos anos 60, havendo-o conhecido, precisamente, em 1963. Naquele ano, realizava-se no IBEU um daqueles famosos cursos promovidos pela CADES. Lá o conheci e logo aprendi a admirá-lo. Veio a grande amizade, que procurei cultivar até o dia em que circunstâncias profissionais e viagens não mais me permitiram visitá-lo.

Quando, um dia, tratei de achar tempo de revê-lo e fazer florir o convívio interrompido, só então soube de sua grande viagem. Isso foi em 1973. Não há palavras exatas para descrever o sentimento desencadeado pela notícia. Um misto de decepção, de perda e de irrecuperabilidade de um tempo, para mim precioso, invadiu-me o espírito.

Não nos despedimos, mas, passados tantos anos, não me esqueci dele. No que se segue dou testemunho de fatos que, para mim importantes e significativos, podem ter também importância e significação para um biógrafo do homenageado.

2 — MINHA CONVIVÊNCIA COM O ESCRITOR

Nas tardes dos domingos, fomos à English Bible Class, escola evangélica dirigida pelo pastor Percy Bellah. Uma kombi, dirigida por Mister Wayne, apanhava-nos em casa e a esta nos trazia de volta. Lá nos uníamos aos americanos para a leitura e interpretação de trechos bíblicos.

A figura do Professor Euclides Cezar inspirava a todos muito respeito. A ele se destinava o assento mais confortável, uma poltrona de vime com almofadas. Desse trono, ouvia com a mais viva e acurada atenção a leitura dos versículos da Bíblia, sobretudo quando feita por falantes nativos da língua inglesa, procurando captar bem a pronúncia de cada palavra. Sua atitude, durante a leitura e a interpretação, era a de quem saboreia uma comida muito apetitosa. Balbuciava como quem, para fixar bem a pronúncia das palavras na presença de circunstâncias, repete-as em silêncio, sem emitir voz, limitando-se aos movimentos articulatórios.

Numa tarde de domingo do mês de dezembro de 1964 — há, portanto, vinte e dois anos e cinco meses — ganhamos como presente de Natal o livro *Peace with God*, de Billy Graham, famoso pastor norte-americano e “uma das figuras religiosas mais influentes deste século”. (1) Esse livro — “oh! se me lembro! e quanto!” — lemo-lo todo, juntos, em voz alta, na velha casa da Av. Tristão Gonçalves, n.º 730, esquina com Pedro Pereira. Não deixávamos de consultar o dicionário ante a presença de alguma palavra nova para nós. Chegamos a reler esse livro e dele sabíamos de cor alguns pequenos trechos, que nos recitávamos mais por amor à língua inglesa do que por amor à religião.

Conseqüência desse devotado amor à língua dos yankees, grande era o seu conhecimento gramatical e maior ainda o referente ao universo vocabular. Confiante em todo aquele seu extraordinário conhecimento, propôs-lhe, no auge de meu entusiasmo pelos estudos de graduação em letras, vertermos para o inglês uma série de sonetos de poetas brasileiros de nossa preferência. Chegamos a publicar, por intermédio da amiga Nenzinha Galeno, nos *Diários Associados*, produções de Augusto dos Anjos, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac e Raimundo Correia, entre outros.

Vertemos, por exemplo, para a língua inglesa este extraordinário soneto de Mário Pederneiras:

ETERNA

Intérmino que fosse o Caminho da Vida
e eterno o caminhar do nosso passo incerto,
Fosse na estrada larga ou fosse no deserto,
Sem lar, sem pão, sem paz, sem sol e sem guarida;

Intérmina que fosse a estrada percorrida,
Sob o Céu todo azul ou de nuvens coberto
E o repouso fatal nunca estivesse perto
e a distância final nunca fosse vencida;

E vencendo, ao caminho, as urzes e os escolhos,
As lutas, o pavor, o cansaço do dia,
A fraqueza do passo, a tristeza dos olhos;

Meu pobre coração, nessa eterna ansiedade,
Nesse eterno sofrer, eterno arrastaria
Esta triste, esta longa, esta eterna Saudade. (2)

Eis, então, a versão inglesa do citado soneto, com data de 17 de janeiro de 1966, mas de cuja publicação não tenho certeza:

ETERNAL

Although the path of life were endless
and eternal the walking of our uncertain step
That it were in the wide road or in the desert
Without home, without food, without peace,
without sun and without shelter;

Although the troden path were eternal
Under a sky completely blue or plenty of clouds
And though the fatal rest never were nearby
And the final distance were never reached.

And by subdueing the heaths and reefs, on the way,
The struggles, the terror, the weariness of the day,
The weakness of the step, the sadness of the eyes;

My poor heart in thist eternal anxiety,
In this endless suffering, would eternally convey
This sorrowful, this long, this endless longing.

As versões por nós elaboradas eram todas assim, mais ou menos literais. Todavia, não tínhamos, nessas operações bilíngües, qualquer preocupação, seja com a preservação da rima, seja com a métrica inglesa.

A nossa convivência foi de uns cinco ou seis anos, de idas minhas, quase diárias, à casa dele, para conversarmos ou estudarmos inglês. Estranhava muito que ninguém mais lhe freqüentasse a casa, que ninguém fosse levar ao velho gigante paraibano da intelectualidade e das letras cearenses o alento da conversa franca e amiga, que os mais jovens devem dispensar aos mais velhos como prova de reconhecimento das experiências por estes acumuladas. O contato dos jovens com os mais velhos é sempre muito importante, porque com estes podem aqueles não só assimilar lições de vida, mas também obter valiosíssimas informações.

Apesar daquela minha rebeldia intelectual, tão própria dos jovens, havia sempre de minha parte, já naquela época, um certo respeito para com os mais velhos, o que se tornava manifesto no meu reconhecimento de seu talento, de sua competência e de sua autoridade. Sob esse espírito, convivi com Euclides Cezar, Cruz Filho, o príncipe dos poetas cearenses, e Martinz de Aguiar, o valoroso filólogo, que, em minhas dúvidas gramaticais, ensinou-me a não ir pela cabeça de ninguém.

A convivência com Euclides Cezar foi, portanto, muito curta, porém suficiente para dele saber o que hoje não se sabe nem está escrito. Não contente com as informações que me foram por ele oralmente transmitidas, pedi-lhe, um dia, que me as fornecesse por escrito.

Depois de muitas insistências minhas, ele, finalmente, acquiescendo ao pedido, passou às minhas mãos duas folhas de papel almaço com as informações de que tanto precisava para um futuro estudo sobre ele. Ao tratar, no próximo segmento, de seus dados biobibliográficos, adoto, precisamente, esse manuscrito (3) como base ou ponto de partida da exposição, procurando sempre, no entanto, confrontar os fatos nele mencionados com as referências que a alguns deles se fazem em certos registros e, sobretudo, em artigos sobre o escritor, produzidos por alguns amigos e admiradores após a sua morte.

3 — DADOS BIOBIBLIOGRÁFICOS

Euclides (de Vasconcelos) Cezar, que nasceu a 4 de janeiro de 1887, é natural de Areia, Estado da Paraíba. (4) Faleceu

no dia 27 de março de 1973, em Fortaleza, onde foi "professor de francês e inglês prático em quasi todos os colégios".⁽⁵⁾

Durante a segunda grande guerra mundial, chegou a fundar um denominado Course of English Conversation,⁽⁶⁾ que tinha como objetivos "combater o hitlerismo e difundir gratuitamente a língua inglesa". Temos aí expressa uma importante faceta de sua personalidade, a do ativista-pedagogo ou a do pedagogo de segundas intenções. Em praça pública, no entanto, o ativismo não se revestia das sutilezas da atividade pedagógica. Tornava-se manifesto "durante as agitações públicas", quando o escritor, de pacato professor, passava a "orador das massas populares".

Todavia, essa tendência de seu temperamento inquieto, de certo modo, já se renunciara, em 1922, com a fundação da Academia Popular, agremiação "acessível a todas as classes sociais", que contava com cerca de quatro mil associados.⁽⁷⁾ Como tudo está a indicar, a Academia Popular, a que o escritor se refere no manuscrito, outra não é senão a famosa Academia Polimática, à qual se reporta Djacir Menezes nesses termos: "Depois da gloriosa 'Padaria Espiritual' dos fins do século, foi a 'Polimática' a mais original criação da década de 20".⁽⁸⁾ A fundação e manutenção da Academia Polimática não apenas expressa o grande amor de Euclides Cezar às causas populares, mas ainda revela a sua índole totalmente avessa ao elitismo intelectual e cultural. Daí me parecer explicável o fato de haver renunciado "à qualidade de sócio efetivo" da Academia Cearense.⁽⁹⁾

Com a extinção da Academia Polimática, Euclides Cezar "fundou, em 1945, a Nova Tebaida", sociedade da qual, segundo ele, teria feito parte Cruz Filho.

No que respeita ao plano de produção literária, o manuscrito faz referência à publicação de: *Terror nas selvas*, "novela sobre cangaceiros"; *Nas garras do abutre*, romance regional que tem como cenário Aquiraz; 190 perfis biográficos sob a denominação genérica de *Florilégios*; ⁽¹⁰⁾ uma "grande série de crônicas sociais intituladas *Perfil azul negro e Reflexões de um simples*" (sic); e, finalmente, "uma série de trabalhos", em francês, "sobre a Religião da Humanidade".⁽¹¹⁾

Eis aí tudo quanto, no momento, posso adiantar sobre a vida e a obra de Euclides (de Vasconcelos) Cezar. Nas pesquisas até agora empreendidas em periódicos e em obras especializadas na literatura cearense, nada encontrei e, por essa razão, confesso-me surpreso e desapontado. Aqui e ali, uma simples referência a seu nome ou a um traço de sua personalidade. Todavia, Euclides Cezar, que tem, por sinal, publicada

belíssima página sobre "o silêncio e a meditação",⁽¹²⁾ não merece todo esse silêncio em torno de sua vida e de sua obra, sobretudo agora, neste ano do centenário de seu nascimento.

4 — CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES

Os dados biobibliográficos acima expostos são ainda muito incompletos e carecem, como é óbvio, de maior verificação, ou seja, da comprovação de registro em fontes autorizadas. Todavia, a exposição dos dados acima objetiva: 1.º — prover o ponto de partida para uma investigação mais acurada da vida e da obra do escritor Euclides Cezar; 2.º — estimular a localização não só das obras de ficção, por ele escritas, cuja publicação se tem como certa, mas também de um sem-número de artigos publicados em periódicos cearenses, sobretudo os perfis biográficos, que se destinavam a enfeixar-se em obra que levaria o título de *Florilégios*; e 3.º — desencadear a busca dos registros de academias e/ou associações por ele fundadas ou a que pertenceu.

A localização dessas obras, desses artigos e desses registros é de fundamental importância para a elaboração de trabalhos individuais, de pequenas, médias ou grandes proporções, em torno da vida e da obra do grande escritor. Aliados aos importantíssimos artigos escritos por C. Nery Camelo, Djacir Menezes, Raimundo de Menezes e Rachel de Queiroz, os trabalhos, de pequenas ou médias proporções, poderiam enfeixar-se em obra coletiva, destinada, ainda que um pouco já tardiamente, a assinalar o centenário de nascimento daquele que é, a meu ver, um dos vultos mais curiosos e, certamente, mais notáveis da história cearense.

5 — NOTAS

(1) O lance entre aspas é a parte final desta afirmação: *Certainly the extraordinary success of his Crusade for God in New York City marks Billy Graham as one of the most influential religious figures of the century.*

Cf. GRAHAM, Billy. *Peace with God*. 8th. print. New York, Perma-books, 1958, p. 1.

(2) Apud PEDERNEIRAS, Mário. *Poesia*. Dados biográficos, apresentação e antologia por Rodrigo Octavio Filho. Rio de Janeiro, AGIR, 1958 (Col. "Nossos Clássicos", 29), p. 67.

- (3) O manuscrito está vazado em caracteres trêmulos, porém razoavelmente legíveis. Após a elaboração deste trabalho, passei-o às mãos do Dr. João R. César, um dos dois filhos do escritor.
- (4) Lê-se, no manuscrito, "Areias".
- (5) Nas pesquisas até aqui empreendidas, só encontrei este registro: *Professor de Francês na Escola de Comércio "Fenix Caixeiral" (1.º ano pedagógico — Ensino técnico profissional)*. Cf. *Almanaque (do Estado) do Ceará*, 1943, p. 243. C. Nery Camelo, no entanto, afirma, no artigo "Euclides Cezar, um benemérito", publicado no *Correio do Ceará*, edição de 13.04.73, que Euclides Cezar ministrou aulas "em vários estabelecimentos de ensino de Fortaleza", entre os quais ressalta os seguintes: Fênix Caixeiral, Colégio da Imaculada Conceição, Lourenço Filho e Farias Brito.
- Valho-me ainda desta nota para observar que os lanços entre aspas que se lêem na terceira parte deste trabalho, salvo os casos óbvios, são reproduções de apontamentos do manuscrito.
- (6) Por um lapso do escritor que, como se sabe, era versátil nas duas línguas (o francês e o inglês), lê-se no manuscrito: *Circle de Conversation Anglaise*.
- (7) Não encontrei até hoje registro de nenhuma agremiação assim denominada. É possível, no entanto, que o escritor quisesse referir-se à Academia Polimática, da qual há o seguinte registro em uma das edições do periódico fundado por João Câmara:

ACADEMIA POLYMATHICA

Sociedade popular de letras, constituída de número illimitado de socios, fundada em Fortaleza a 12 de novembro de 1922 por um grupo de membros da extincta "Academia dos Novos", tendo por lemma: Amemornos e eduquemo-nos uns aos outros."

Sua actual directoria é a seguinte:

Presidente, Euclides Cezar; 1.º secretário, Cezar Magalhães; 2.º secretário, Walter Pompeu; thesoureiro, Juarez Castello Branco; bibliotecario, Samuel Uchôa Magalhães.

Censores — Francisco Portella, Godofredo Soares e Pedro Farias. Cf. *Almanach (do Estado) do Ceará*, 1924, p. 205.

A Academia dos Novos, da qual fez parte Euclides Cezar, foi fundada em outubro de 1920, com sede na Rua Senador Pompeu, 257. Cf. *Almanach (do Estado) do Ceará*, 1921, p. 215.

Quanto ao lema, há quem afirme que era *Amai-vos e educai-vos uns aos outros* e que este foi "lançado por Antônio Furtado, na memorável manhã de sua fundação". Cf. MENEZES, Raimundo de. *Academia Polimática. O Povo*, Fortaleza, 31 março. 1974, Suplemento "Fim de Semana", p. 4. c. *Coisas que o tempo levou*. Aliás, entre os artigos de que tomei conhecimento por intermédio do Dr. João R. Cesar, o de

Raimundo de Menezes é o que melhor oferece uma visão global das atividades da academia fundada em 1922.

- (8) Cf. MENEZES, Djacir. Quem se lembra de Euclides Cezar? *O Povo*, Fortaleza, 10 out. 1982, p. 4.

C. Nery Camelo afirma, no artigo citado na nota 5 acima, que o objetivo de Euclides Cezar, ao fundar e manter a Academia Polimática, foi "restaurar a Padaria Espiritual". No que se refere a outros nomes que pertenceram à referida agremiação, salienta C. Nery Camelo:

Faziam parte da novel instituição as figuras de maior relevo nas letras cearenses — Pápi Júnior, Ildefonso Albano, Irineu Filho, Walter Pompeu, Eduardo Mota, Tomás Pompeu, Moésio Rolim e, entre muitos outros, o próprio presidente do Estado, Dr. Justiniano de Serpa. Sob a presidência deste, realizou-se a sessão comemorativa da Fraternidade Universal, no dia 1.º de janeiro de 1923, que foi por demais concorrida.

Como se nota, uma plêiade de nomes verdadeiramente ilustres pertenceu à academia fundada e mantida por Euclides Cezar.

- (9) Cf. BARREIRA, Dolor. *História da literatura cearense*. Fortaleza, Editora do "Instituto do Ceará", 1948, v. 3, p. 210 e 222.

Outra referência a esse fato se encontra em:

GIRÃO, Raimundo. *A Academia de 1894*. Fortaleza, Academia Cearense de Letras, 1975, p. 23.

- (10) Os *Florilégios* foram publicados no jornal *A Razão*. O Dr. João R. Cesar já obteve cópia de boa parte deles. É de se esperar — não sendo possível, pelo menos agora, recuperar os perfis biográficos restantes — que ele se apresse em publicar os de que já obteve cópia.

(11) Creio que a série de trabalhos aí referida seja a coletânea de artigos, intitulada *Le vrai chemin*, que, durante algum tempo, esteve em meu poder e que, posteriormente, passei às mãos do Dr. Ivan César, o outro filho do escritor.

- (12) Cf. *Almanaque do Ceará*, 1948, p. 49. Devo esta indicação bibliográfica aos amigos Francisco de Assis Garcia e Celina Fontenele Garcia.